

AUTOETNOGRAFIA E (TRANS)FORMAÇÃO DOCENTE: O TESTEMUNHO DE UM PROFESSOR DE LÍNGUA(GENS)¹

Douglas Freitas dos Santos ²
Cláudia Jotto Kawachi Furlan ³

RESUMO

A autoetnografia vem angariando um espaço de sublime destaque no âmbito da Linguística Aplicada Crítica, que a acolhe não apenas como método científico diante de uma academia supostamente neutra, mas como uma praxiologia que vai além de muros acadêmicos. Dessa forma, não é raro encontrar pesquisas (Ono, 2018; Basoni; Merlo, 2022; Basoni, 2022; Merlo, 2022; Freitas-Santos, 2024; Fortes; Ono, 2025; Merlo; Souza, 2025) que evidenciam a importância da autoetnografia na formação docente. Ancorado nessa visão, este estudo, fruto da dissertação de mestrado "O tio de inglês nos meandros da autoetnografia: decolonialidades e representatividades por meio do trabalho com material didático" (2024), propõe-se a refletir acerca do papel da autoetnografia na (trans)formação docente. Para tanto, o trabalho exemplifica o tema com o testemunho de um professor de língua(gens), cujo uso da metodologia se iniciou no mestrado, mas não se restringe somente a ele. Com o estudo, espera-se que o método em questão seja ainda mais difundido na academia e fora dela, na esperança de que novas pessoas, especialmente docentes, consigam compreender a importância de adotá-lo continuamente em uma prática reflexiva que supere o universo científico e seja suscetível a (trans)formações.

Palavras-chave: Autoetnografia, (Trans)formação docente, Professor de língua(gens), Prática reflexiva, Educação linguística.

INTRODUÇÃO

Os movimentos decoloniais têm nos feito repensar diversas práticas que até pouco tempo eram dadas como naturais e/ou tácitas. Dentre as contribuições do referido movimento diz respeito à forma de como concebemos ciência, calcada em pensamentos eurocêntricos que perduram há mais de cinco séculos. É uma máxima da ciência moderna, por exemplo, a distância entre objeto e pesquisador/a, ou seja, o/a cientista

¹ Este artigo é um recorte da dissertação de mestrado "O tio de inglês nos meandros da autoetnografia: decolonialidades e representatividades por meio do trabalho com material didático", defendida em 2024 no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, da Universidade Federal do Espírito Santo.

² Doutorado do Programa da Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal do Espírito Santo - UFES, dougfreytas.prof@gmail.com;

³ Professora orientadora: Pós-doutora pelo programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Atualmente, é professora de língua inglesa no Departamento de Línguas e Letras da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e no Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGEL - UFES), claudia.furlan@ufes.br;

deve ser neutro/a em seu trabalho, buscando sempre alcançar uma imparcialidade que apaga o/a pesquisador/a dos seus feitos.

Os estudos decoloniais, entretanto, influenciando autores como Menezes de Souza, 2019; Menezes de Souza; Martinezes; Diniz de Figueiredo, 2019; Duboc; Menezes de Souza, 2021; Menezes de Souza, Duboc, 2021; Rosa; Duboc, 2022 e Hashiguti, 2023, vão na contramão desse ideal de ciência, problematizando a maneira de como um modo eurocêntrico de produzir conhecimento reverbera por tanto tempo como sendo único, possível ou de valor absoluto. Os teóricos mencionados, dessa forma, defendem que, para nos libertarmos das amarras coloniais que perduram sobretudo na academia, devemos “trazer o corpo de volta”, “marcar o não marcado” e “corporificar ideias”.

Uma metodologia que vem se destacando como possibilidade nos termos elencados é a autoetnografia que, conforme exposto no levantamento quanti-qualitativo em Freitas-Santos (2024) e reforçado em Merlo e Souza (2025), têm angariado imenso espaço e repercussão em muitas áreas, mas especialmente na Linguística Aplicada Crítica.

Nesse sentido, este texto almeja refletir acerca do papel da autoetnografia não apenas como método científico, mas como prática que supera os muros acadêmicos e leva à (trans)formação docente (Merlo; Souza, 2025). Com vistas a isso, após esta introdução, concentro-me em explicar a autoetnografia, seus objetivos, práticas, implicações e papéis, alinhando-a à (trans)formação docente e enriquecendo o texto com minhas experiências enquanto professor-pesquisador autoetnógrafo de língua(gens). Na seção seguinte, concluo alguns pensamentos e evoco outros para um futuro próximo em que a autoetnografia é reconhecida dentro da academia e adotada por pessoas – especialmente docentes – que queiram passar pela necessária e contínua (trans)formação docente.

DESENVOLVIMENTO

Surgida nos Estados Unidos na década de 1970, a autoetnografia é um método que nasce a partir de acadêmicos que veem as potencialidades que podem emergir de grupos falando sobre si mesmos e suas culturas (Basoni, 2022; Freitas-Santos; Kawachi-Furlan, 2025).

Coadunando-se aos dois estudos acima, Merlo (2022) e Basoni e Merlo (2022) evidenciam que a metodologia chega em âmbito acadêmico brasileiro nos anos 2000, sendo trabalhada nas Ciências Humanas. Na Linguística Aplicada Crítica, com a dissertação de mestrado de Cecília Barão Alegretti⁴, desde 2012 o método vem angariando espaço de sublime destaque, conforme mapeamento realizado em Freitas-Santos (2025).

Contrariando preceitos arraigados sobre o que é (fazer) ciência, a autoetnografia impulsiona o/a cientista a questionar e refletir sobre suas próprias práticas, vivências, experiências, realidades e trabalho, alinhadas às também percepções, identidades, histórias e narrativas que desenvolve. O foco de trabalhos autoetnográficos, dessa forma, está no/a próprio/a pesquisador/a e suas praxiologias, não havendo espaço para dicotomias como objeto-cientista e teoria-prática. Na autoetnografia, binarismos como os expostos se perdem na complexidade do fazer autoetnográfico e, por exigir complexidade, o/a etnógrafo/a não se limita a um recorte teórico ou a um campo acadêmico. O método exige diálogos com vozes múltiplas e perspectivas diversas, lançando mão necessariamente da transdisciplinaridade a fim de (tentar) compreender atos que, embora sejam daquele/a que se pesquisa e é pesquisado/a, são também psicológicos, históricos, culturais e, sobretudo, sociais.

Não coincidentemente, cada vez mais novo/as cientistas estão adotando o método em suas práticas, sobretudo docentes que veem, na autoetnografia, uma possibilidade de encontrar novos caminhos e perspectivas de uma maneira que desafie a frieza que muitos muros acadêmicos ainda estão arraigados. No campo das língua(gens), Freitas-Santos e Kawachi Furlan (2025, p. 184) teorizam que “essa predominância na área da LA pode estar relacionada às mudanças nesse campo, as quais ressignificam concepções estruturais de língua e linguagem, de ensino e de aprendizagem, e, principalmente, de pesquisas nesse contexto”. Estamos, dessa feita, diante de um método que propõe novas perspectivas e rupturas necessárias não só em um universo cartesiano, mas na própria forma de se enxergar e repensar praxiologias.

Esse convite à autoavaliação e a um repensar alinhados a contribuições valiosas de teóricos diversos é fulcral para uma (trans)formação docente que busque

⁴ Para acessar a dissertação, clique aqui: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-14032013-130302/pt-br.php>> Acesso em: 03 ago 2025.

compreender sua própria realidade para a partir disso transformá-la. Foi considerando esse papel e potência da autoetnografia que decidi propor e escrever este trabalho.

No último semestre da minha primeira graduação – período em que devemos desenvolver, entregar e apresentar um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) na graduação de Letras-Inglês, lembro-me de sofrer em demasia justamente por conta da tarefa mencionada, que me levava à procrastinação e, com isso, uma frustração imensurável. Perdi as contas de quantas vezes disse que, uma vez fora da universidade, jamais voltaria a ela. Três anos depois, o mesmo período como professor de inglês no meio de uma pandemia e um livro de contos autopublicado bastaram para que eu repensasse as minhas promessas de renúncia à academia. Tive o privilégio de fazer, como aluno especial⁵, uma disciplina na Pós-Graduação com a professora a qual eu sempre admirei pela exemplaridade no educar e que mais tarde viria a se tornar oficialmente a minha orientadora do curso de mestrado. Também fui agraciado por ter colegas que me mostraram que a academia pode ter e ser afeto, o que me permitiu apagar o medo da competitividade e toxidade existente na universidade – fenômenos que, embora eu não duvide de existir em outros lugares, nunca se mostraram reais ao meu redor; muito pelo contrário – o padrão estabelecido aos meus lados era de cooperação, coletividade, parceria e coleguismo, vide os eventos que não se montam sozinhos.

Já oficialmente um mestrando, sabia que teria de mudar o meu tema de pesquisa para me adequar ao programa e à minha orientadora; ao propor um novo tema, a minha esperança era de, em 2 anos de pesquisa, saber tudo sobre meu objeto de estudo e então propor respostas e soluções como verdades absolutas cuja validades eram inexistentes. Lembro-me de conversar com a minha orientadora para definirmos a primeira tentativa de projeto e dizer que “gostaria que a minha dissertação fosse uma bíblia sobre o assunto”. Após a leitura da minha introdução, que já trazia uma carga autoetnográfica ao narrar o meu encontro com o tema, alinhando-o à minha trajetória como professor de inglês nas séries iniciais do Ensino Fundamental, minha orientadora propôs então que eu adotasse a autoetnografia. Foi a partir do aceite ao desafio que, felizmente, ao me debruçar mais sobre pesquisa nas Ciências Humanas e Sociais, bem como me inteirar

⁵ Modalidade de vínculo a um programa de pós-graduação sem que a pessoa esteja oficialmente no programa, com um/a orientador/a conduzindo pesquisa, ainda que os direitos e responsabilidades possam ser os mesmos esperados a um/a aluno/a regular.

acerca dos estudos decoloniais, passei a ter uma outra postura enquanto cientista e um outro olhar como ser humano, pois entendi que, neste campo, as universalidades, as verdades absolutas, as receitas embaladas e as respostas prontas não se encaixam, em conformidade com Fortes e Ono (2025, p. 2), quando afirmam que “a decolonialidade enquanto ontoepistemologia em muito se alinha à autoetnografia no que tange à desuniversalização de saberes e, consequentemente, à abertura à pluralidade de formas de fazer ciência e, sobretudo, formas de vida”.

Fazer autoetnografia nesses termos me permitiu compreender a importância do espaço, do tempo, das pessoas envolvidas, suas classes, identidades e culturas, do contexto, enfim, para se chegar não a respostas, mas a possibilidades, reflexões, caminhos e mais questionamentos. Torna-se impossível, desta feita, buscar uma suposta universalidade que dê conta das mais complexas diversidade que emergem a passos mais rápidos a cada segundo. Embora tenha, no início, hesitado a adoção do método quando ele foi ventilado pela minha orientadora, hoje vejo que a escolha foi mais que adequada, dada a possibilidade de refletir acerca da minha realidade para então agir a partir dela (Merlo; Souza, 2025). Lembro-me, por exemplo, do meu desejo, enquanto professor, de fazer com que os meus estudantes de periferia tivessem o mesmo tipo de educação que discentes de uma escola de elite pudessem ter. Ao me debruçar sobre agência docente (Landim, 2021), percebi que, embora o meu desejo fosse nobre e o esforço válido, haja vista que todo/a e qualquer estudante têm direito à educação de qualidade, muitas outras questões e responsabilidades devem ser levadas em consideração nesse quadro, não sendo apenas dever do/a docente mudar cenários e transformar vidas.

Destarte, ainda que seja necessário desenvolver práticas reflexivas (e a autoetnografia colabora para tal), a metodologia mostra limites como qualquer outro método. Diferentemente de outras práticas, contudo, a autoetnografia não impõe, felizmente, formas estabelecidas:

Essa mesma valorização da pluralidade permite que a autoetnografia venha ao mundo de formas diversas como duoetnografias, trioetnografias, relatos autoetnografados, dentre outros – além da possibilidade de ser materializada em múltiplas semioses enquanto escrita/produção de textos, poemas, dramaturgia, imagens, música e performance (Fortes; Ono, 2025, p. 2).

Os autores seguem defendendo que a autoetnografia “nem sempre se manifestará de formas homogêneas e pré-determinadas” (p. 3). Dito de uma outra maneira, por se propor a uma alternativa a trabalhos acadêmicos supostamente neutros e universais, não se pode pensar em fórmulas ou receitas para desenvolver um trabalho autoetnográfico, pois este preza essencialmente pela diversidade. O desafio, dessa forma, é encontrar maneiras com rigor científico para olhar para si e o seu entorno e, a partir de então, pensar em caminhos possíveis. Apesar de difícil em muitos níveis, principalmente pelo/a autor/a que se vê vulnerável durante todo esse processo, a prática é revigorante, conforme pode ser visto também no relato de uma professora em formação:

Para mim, compartilhar aqui a minha autoetnografia implica em um processo profundo de autodescoberta e reflexão, por meio do qual posso explorar, compartilhar e expandir minhas próprias vivências, experiências e percepções de forma crítica, conectando-me com aspectos culturais, sociais e históricos. Ao fazer isso, estou não apenas narrando minha história pessoal, mas também construindo um entendimento mais amplo sobre como meu contexto e minhas interações com meus professores e professoras particulares e do ambiente escolar moldaram minha identidade e visão de mundo. A autoetnografia me possibilita dar voz à minha trajetória como estudante de língua inglesa ao longo de cada etapa da minha vida (Merlo; Souza, 2025, p. 143).

Nesse sentido, o convite para a autoetnografia está lançado à pessoa que encarar o desafio. Apesar da garantia de dor e incômodo, não há dúvidas que a (trans)formação gerenciada pela metodologia será recompensadora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A autoetnografia é uma prática potente capaz de transformar vidas que se propõem a se investigarem e conhecerem a si e o seu entorno de maneira ampla e pormenorizada. Exemplo disso pode ser visto no próprio professor-pesquisador que vos fala, que adotou o método no mestrado e que, desde então, tem se dedicado a uma (trans)formação docente contínua. Isso permite um diálogo constante com aquele que escreve e aquele que lê, aquele que fala e aquele que escuta, levando à tão citada

(trans)formação a partir de um processo complexo em que todos os lados produzem conhecimento.

É necessário, contudo, sinalizar o desafio em realizar um estudo autoetnográfico não só por conta da natureza complexa e transdisciplinar do método, visto a sua onipresença e onisciência na vida do/a pesquisador/a, mas também devido ao foco que ele/a à sua prática, o que pode fazer emergir situações e cenas íntimas e constrangedoras que deixam o/a cientista vulnerável até para si mesmo/a. Em consonância com Ono (2018), Basoni (2022), Freitas-Santos (2024) e Merlo e Souza (2025) autoetnógrafos enfrentam desafios diversos e singulares em cada caso, o que comprova a seriedade da metodologia, a despeito de muitos, ainda presos no modelo cartesiano de ciência, possam entender de outra forma.

Volto a defender a autoetnografia na (trans)formação docente para que professores possam encontrar rumos na academia que os façam (trans)ver (Malta, 2024) possibilidades e maneiras-outras de agir no mundo. Produzir conhecimento no século XXI requer novos olhares, novas posturas e a autoetnografia, quando feita conscientemente, pode trazer essa ruptura tão necessária para o universo.

ABSTRACT

Autoethnography has gained prominence in Critical Applied Linguistics, where it is embraced not merely as a scientific method within a presumptively neutral academia, but as a praxiology that transcends academic boundaries. Indeed, a growing body of research (Ono, 2018; Basoni & Merlo, 2022; Basoni, 2022; Merlo, 2022; Freitas-Santos, 2024; Fortes & Ono, 2025; Merlo & Souza, 2025) highlights autoethnography's pivotal role in teacher development. This study — an offshoot of the master's dissertation "An early age English teacher in autoethnography: decolonialities and representations through the work with teaching material" (2024) — reflects on autoethnography's capacity to transform teacher education. It draws on the firsthand account of a language teacher whose engagement with autoethnography began during graduate studies but extends far beyond. By bridging this embodied knowledge with theoretical frameworks, the paper advocates for broader adoption of autoethnography — both within and beyond academia — as a reflective praxis that challenges conventional scholarly paradigms and fosters continuous (trans)formation among educators.

Keywords: Autoethnography, Teacher education, Language teacher, Reflective praxis, Language education.

REFERÊNCIAS

BASONI, I. C. G. **Espelho, espelho meu, que professora sou eu? Reflexos e Refrações sobre a formação do professor de língua portuguesa e os novos**

letramentos em um estudo autoetnográfico. Tese de doutorado. 258 fls. Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Federal do Espírito Santo. 2022.

BASONI, I. C. G.; MERLO, M. C. R. Autoetnografia e formação docente: história e identificações. **Revista (Con)textos**, Vitória, v. 16, n. 35, 2022, p. 79-93. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/39011>. Acesso em 12 dez. 2024.

DUBOC, A.P; MENEZES DE SOUZA, L.M.T. Delinking Multiliteracies and the Reimagining of Literacy Studies. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, 2021, v. 21, p. 547-576.

FORTES, L.; ONO, F. Dossiê 33: a autoetnografia na linguística aplicada: rupturas, deslocamentos e trajetórias. **Pensares em Revista**, São Gonçalo-RJ, n. 33, p. 1-8, 2025. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/pensaresemrevista/article/view/91700>. Acesso em: 3 ago. 2025.

FREITAS-SANTOS, D.; KAWACHI-FURLAN, C. J. Praxiologias (de)coloniais em cenário de inglês para fins específicos: Olhares autoetnográficos de professores de língua(gem)s. **Pensares em revista**, São Gonçalo, v. 33, 2025, p. 180-205.

FREITAS-SANTOS, D. **O tio de inglês nos meandros da autoetnografia: Decolonialidades e Representatividades por meio do trabalho com material didático.** Dissertação de mestrado. 168 fls. Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Federal do Espírito Santo. 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufes.br/items/8aa30a5c-926f-4a10-949c-ef8cd9a58a4b>. Acesso em 04 ago. 2025.

HASHIGUTI, S. T. O corpo nos estudos sobre transculturalidade, linguagem e educação. In: HASHIGUTI, S. T.; CADILHE, A. J.; SILVA, I. R. (orgs.). **Transculturalidade, linguagem e educação: diálogos e (re)começos**. 1. ed. – Campinas, SP: Pontes Editores, 2023, p. 154-183.

LANDIM, D. S. P. Agência de professores de línguas sob a ótica dos novos letramentos. In: EGIDO, A.; BROSSI, G.; SILVA, V.; ROSA-DA-SILVA, V. **Linguagens em tempos inéditos: desafios praxiológicos da formação de professoras/es de línguas**. Goiânia: Scotti, 2021, p. 99-119.

MALTA, L. S. **“É preciso transver o mundo”**: a sensibilidade na educação linguística com crianças na perspectiva plural. Tese de doutorado. 206 fls. Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos. Universidade Federal do Espírito Santo. 2024. Disponível em: <https://dspace4.ufes.br/items/66386e60-92b2-4248-8fdb-d3b65a606f38/full>. Acesso em 04 ago. 2025.

MENEZES DE SOUZA, L. M. T. Decolonial Pedagogies, Multilingualism and Literacies. Multilingual Margins, **Western Cape**, v. 6, n. 1, 2019, p. 9-13. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/336089407_Introduction_and_Decolonial_Pedagogies_Multilingualism_and_Literacies. Acesso em 18 abr. 2025.

MENEZES DE SOUZA, L. M. T.; MARTINEZES, J. Z.; DINIZ DE FIGUEIREDO, E. H. “Eu só posso me responsabilizar pelas minhas leituras, não pelas teorias que eu cito”: entrevista com Lynn Mario Trindade Menezes de Souza (USP). **REVISTA X**, Curitiba, v. 14, n. 5.p.05-21, 2019. Disponível em:

<https://revistas.ufpr.br/revistax/article/view/69230>. Acesso em 20 jan. 2025.

MENEZES DE SOUZA; L. M. T.; DUBOC, A. P. M. De-universalizing the decolonial: between parentheses and falling skies. **Gragoatá**, Niterói, v.26, n.56, p. 876-911, 2021. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/51599>. Acesso em 20 jan. 2025.

MERLO, M. C. R. **Autoetnografia, infâncias e decolonialidades em (trans)formação**. Tese de doutorado. 2022. Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Federal do Espírito Santo. Disponível em: <https://dspace4.ufes.br/items/0e454a6f-0f0a-4386-b335-01cfe984d574>. Acesso em: 04 ago. 2025.

MERLO, M. C. R.; SOUZA, R. S. Contribuições da autoetnografia para a educação linguística com crianças. **Pensares em Revista**, São Gonçalo-RJ, n. 33, p. 132-154, 2025. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/pensaresemrevista/article/view/88904>. Acesso em: 3 ago. 2025.

ONO, F.T.P. Possíveis contribuições da autoetnografia para investigações na área de formação de professores e formação de formadores. **Veredas**, Juiz de Fora, v. 22, n. 1, p. 51-62, 2018.

ROSA, G. C.; DUBOC, A. P. Analyzing the Concept and Field of Inquiry of English as a Lingua Franca from a Decolonial Perspective. **Íkala**, Medellín, vol. 27, ed. 3, p.840-857, 2022. Disponível em: <https://revistas.udea.edu.co/index.php/ikala/article/view/349003/20809474>. Acesso em 20 out. 2024.